

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Abril de 2021 - Nº 586

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*-1931) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - + 2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (2020 -)

IVAN

Saudade é o musgo deixa-do pelas sombras da lembran-ça (eta, nóis!). Isso para quem desconhece as suaves veredas que levam aos encantos dos bo-tecos. Para as pessoas de grosso trato, assim como eu, saudade é o sebo acumulado em mesa de botequim. Quando eu ficar pe-queno – tenho sérias suspeitas de estar definhando dia a dia – quero ser mesa de boteco. Mesa de tábuas lavradas a enxó, gros-sas e desiguais, as ferpas , antes eriçadas e ameaçadoras, agora escondidas e apaziguadas sob camadas de gordura e restos de tira-gosto. O tampo, polido por mãos trêmulas e cotovelos pensativos, é estampado com desenhos entrelaçados de fun-do de garrafa, riscas de pratos arrastados e marcas de cachaça escorrida. Num canto, escul-pido a canivete, para não fugir à regra do amor, um coração carregado com dois nomes, a flechinha atravessada, furando os amantes e derramando duas gotas: uma, de sangue; outra, de pinga. Debaixo da mesa, bem

CRÔNICAS DA MINHA GENTE

MESA DE BOTEQUIM

mascados e grudados, chicletes de segunda boca e protegidos, porque, quem sabe, amanhã a gente volta.

Então, logo que devidamen-te encolhido, pretendo ser essa mesa. Toda tardinha, momento consagrado ao aperfeiçoamen-to do ócio, estarei pronto para ver e ouvir coisas do João Va-lentão “que até Deus duvida”, pois, nas camadas sobrepostas de sebo, que são o calendário das mesas de bar, haverá pá-ginas umedecidas relatando tragédias, dramas e comédias, paixões desatinadas, amores in-compreendidos, separações in-

separáveis. Tudo regado a lágri-mas-flex, tanto de dor como de gargalhada. A dor da promessa não cumprida e a gargalhada do cumprimento espontâneo, sem promessa.

Quando, muito a contragosto – porque queria também es-tar no bar – o sol começa a se recolher, as mulheres dão início à própria beleza para, acabado o lusco-fusco, ficarem lindas. Em mesa de bar, toda mulher é, nem que seja obrigatoriamente, linda. Os homens tomam-se generosos a não mais poder. Todas as pessoas, mesmo as que rondam pelas calçadas com

medo de entrar e se manchar, de repente são boas, mesmo as ruins. O mundo da mesa, agora já escuro, é perfeitamente habi-tável, as pessoas são solidárias, o candidato abraça o sujeitinho que lhe negou o voto, a traída chega ao exagero de pensar em perdão para a “outra”. Mais um copo e eis a reconciliação. A paz já se vê, depende de mesa e copos.

Se você, um dos meus três leitores (o certo; os dois ou-tros duvidosos), quiser mesmo saber dos segredos da mesa de botequim, siga a instrução. Com a unha, vá esfoliando (eta,

nóis!) as camadas de sebo so-brepostas. Da primeira, antiga, você poderá ouvir, se tiver ou-vido apurado a álcool, uma de-licadeza provinda de uma roda de violão: “Ó linda imagem de mulher que me seduz, aí, se eu pudesse tu estarias num altar” e, ao chegar à última e mais recen-te, colidir com “Nossa!, assim você me mata, ai, se eu te pego, delícia”. Você, fiel companhei-ro, acaba de viajar da inocência desaparecida à decadência aplaudida. Isto é, presenciou o encanto do mundo através da mesa em canto de boteco.

Quando o dono do bar, es-

fregando os olhos, baixar o por-tão e apagar o “Zé ama a Juvina, ingrata”, a giz, eu, mesa, ficarei só; só com as reminiscências, acordes de violão, arrotos aze-dos de pinga amanhecida, murmúrios, chispas de amor, o shiiiiii da garrafa sendo aberta, a pinga derramada, vítima do tremor, calor de joelhos se to-cando, enlevo de dedos fazendo catedral de Brasília, o pedaço de torresmo abandonado, o ca-roço da azeitona rolando. Não sei se tenho competência para ser mesa assim, portadora de tantas aventuras. Mas, pelo sim, pelo não, em último caso vou atrás do Armando Carequinha, que tudo sabe sobre mesas e amores e é o único marceneiro em Monte Sião capaz de criar outra mesa com artimanhas do apaixonado que ele é. Se topar, peço para que dê um jeito de me colocar, camuflado entre as tábuas.

N.A.: ferpa é o termo do idioma monte-sionês para farpa e, sendo usado em Monte Sião, deve ser adotado por todos os países de língua portuguesa.

Conversa na calçada

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Durante muitos anos, na velha Barra Funda, tínhamos o hábito de sentar nas soleiras das portas de bares e armazéns. E ficar conversando por horas. Um dia o Magrão Rotella che-gou atrasado e um dos melho-res lugares estava desocupado. Ele rapidamente foi se sentar. Alguém gritou: — “Cuidado, tem merda de galinha!”. Com toda tranquilidade que tinha, ele olhou de relance aquela mancha esbranquiçada e disse:

— “Ah, está seca mesmo!”. E sentou-se com toda calma do mundo, como se fosse repou-sar num trono. Era assim na-queles tempos. Um pedia uma cachaça, outro uma cerveja e a conversa rolava solta. Falava-se de tudo e mais um pouco. Na hora do almoço, os arma-zéns eram fechados e sobrava mais lugar para sentar. Numa rodinha especial ficavam o Zé Socorro, o Nim Gasparini e o Fachini. Este, um dos maiores contadores de “causos” que já conheci. A gente ria muito. Todos trabalhavam num banco

da cidade e foram eles que me deram minha primeira oportu-nidade de emprego como offi-ce-boy no Unibanco.

Uma perguntinha despre-tensiosa: quantos amigos você acha que tem de verdade, de carne e osso? Daqueles em quem pode confiar. Daqueles que, se tiver uma necessida-de qualquer (não me refiro a dinheiro), sabe que poderá contar. Daqueles que sabe que ficariam ao seu lado nos mo-mentos difíceis e apoiariam com sinceridade... Daqueles que dariam o próprio tempo

por você. Então, quantos? As mídias sociais realizaram o milagre de termos milhares de amigos a distância. Ami-gos virtuais. Todos os dias re-cebo inúmeras solicitações de “amizade” no Facebook. Por que será que querem ser meu amigo? — me pergunto entre assustado e curioso. Enfim, concordo e sigo em frente. O número aumenta incrivelmen-te. Depois de uns tempos, eles desaparecem. De alguns nunca recebi nenhum cumprimento, nenhuma mensagem, nenu-ma resposta. Simplesmente,

nada! Como se não existissem.

Qual a minha reflexão? To-dos os dias recebo e envio de-zenas de mensagens, de todos os tipos: coisa séria, piadinhas, música, religião, política, edu-cação, artes e um sem-fim de outros assuntos. No meu estilo de comunicar “que vi”, “que prestei atenção”, respondo à maioria delas. No entanto, quando envio coisas julgo inte-ressantes, as respostas rareiam, uma aqui, outra acolá. Texto grande, já aprendi, ninguém tem paciência de ler. Textos curtos, leem apressadamente

(reconheço pelo teor das res-postas). Percebo claramente que a maioria das pessoas “não quer perder tempo” com ví-deos, áudios ou textos muito longos. Duas páginas ou dez minutos parecem uma eterni-dade. Por isso me lembrei da-queles anos antigos em que as pessoas costumavam colocar cadeiras nas calçadas e contar histórias intermináveis sobre a vida. Acho que o tempo era outro naquela época. E as pes-soas também.

Mémórias de Paolo Pancioli

Nesse relato o senhor Paolo descreve a chegada dos Pracinhas, na Itália, em 11 de outubro de 1944

Afinal na manhã de 11 de outubro, correu a notícia que uma patrulha de brasileiros es-tava vindo de Fornaci. Entu-siasmados, nós rapazes fomos recebê-los na entrada da cidade, na curva de Bela Vista. Era uma patrulha comandada por um sar-gento negro de grande estatura, um verdadeiro armário. Quando nos alcançou, tirou o seu capa-cete e o suor represado na árdua subida evaporou, formando uma coluna de fumaça com um efei-to surpreendente. Perguntou de pronto, alemães? “No, no, te-deschi andati via”. Com certeza entendeu, tanto que deu ordem a dois soldados que retomaram e ele com o resto da tropa veio co-nosco em direção a Barga. Pou-co depois chegaram vários jeeps carregados de soldados e mate-rial que tomaram conta do “Fos-so” (praça na entrada da cidade). Devido à presença de Mauro1 e Danilo2, a nossa casa ficou re-pleta de soldados, sargentos, te-nentes e me lembro que no meio dessa confusão tomei um copo ou um outro recipiente cheio de um delicioso e super doce café com leite como não tomava des-de o início da guerra.

Enfim, depois de uma série infinita de “obrigado, obrigadi-nho, até logo e até loguinho, fica aqui e fica lá”, Danilo ficou na confusão e eu e Mauro acom-panhamos um tenente que junto de uma patrulha quis conhecer a topografia local e se possível as eventuais postações alemãs. Eu, para ser sincero, acreditava que os alemães já estivessem longe, mas a resposta veio em poucos minutos. Alcançando um posto de observação no alto, o tenen-te começou a observar com o binóculo a linha de montanhas à nossa frente, quando, com um assobio característico, uma granada de canhão explodiu uns cem metros abaixo de nós. Todos os soldados se jogaram no chão enquanto eu, menos experiente, fiquei de pé. Quando tentei fugir atrás do Mauro, per-cebi que naquela confusão, um dos meus tamancos havia ficado embaixo de um pracinha que ainda estava deitado. Assim tive que esperar ele se levantar para recuperá-lo e fugir para casa. Cheguei lá esbaforido e assus-tado depois que duas outras ex-plosões, que soubemos depois, haviam feito três vítimas. Foi

o início de uma triste orquestra que infelizmente nos acompa-nhou com ritmos imprevisíveis dia e noite por muitos meses. A essa altura, fomos obrigados a reestruturar a nossa vida. Agora, todos os problemas anteriores, energia elétrica, água, alimenta-ção, correspondência, telefone, rádio, transportes, etc. passavam ao segundo plano e as bombas eram a preocupação número um. Não podíamos mais habitar os andares superiores da casa que ficavam muito expostos. Tudo foi transferido para o porão. Nas primeiras noites, nós rapazes fo-mos dormir nos tonéis de vinho desativados que ofereciam uma maior proteção. A seguir, papai construiu um tablado na área mais protegida do porão onde foram colocados todos os col-chões, travesseiros e cobertores da casa para que ali pudessem dormir com relativa proteção até 14 pessoas. Papai construiu também uma pia e um fogão a lenha para cozinhar e a vida da família se transferiu para o po-rão naturalmente escuro, úmido e frio. Só o banheiro, sem alter-nativas, continuou no primeiro andar relativamente exposto.

Vários “pracinhas” se instala-ram no hall de entrada no tér-reo, onde dormiam e onde com Mauro e Danilo lembravam das famílias distantes e mostravam fotos de namoradas, mães, es-posas e filhos. Com Mauro, nos dias mais calmos, visitávamos a cozinha militar e as postações de morteiros e metralhadoras na pe-riferia da cidade, aproveitando a refeição dos soldados de arroz e feijão, salsichas, etc. Com a che-gada dos brasileiros, a situação alimentar tinha se estabilizado. O governo militar aliado fome-cia para cada família porções de farinha, leite em pó, e um con-centrado proteico a base de ervi-lha, soja e aveia que nos garantia a sobrevivência. Não tínhamos açúcar, óleo e principalmente sal que fazia uma falta terrível a ponto de sonharmos com o seu sabor.

Nos primeiros dias no porão a iluminação vinha das velas e de uma lamparina a carbureto, que nos momentos mais críticos dos ataques de artilharia, quando as granadas explodiam nas pro-ximidades, apagavam por causa do deslocamento de ar com o efeito de deixar-nos no escuro

além de contaminar o ar com o terrível odor do gás acetileno. Velas e carbureto acabaram em pouco tempo e foram substituí-dos por perigosíssimas lampari-nas feitas com latas de leite con-densado cheias de gasolina e um pavio que aceso produzia mais fumaça do que luz. De manhã nossas narinas estavam negras como o interior de uma lareira. Uma noite durante um bombar-deio de artilharia muito pesado e concentrado nas proximidades da nossa casa, mamãe começou a rezar. Romano, depois de ou-vir em silêncio por alguns mi-nutos, disse: por favor, senhora Margherita, pare de rezar. Fico com a sensação de já ter morri-do! Apesar do terror do momen-to, ele conseguiu provocar riso em todos nós.

Naqueles dias chegou em Barga, inspecionando as tro-pas no fronte, o General Eurico Gaspar Dutra (futuro presidente do Brasil) e o Danilo, como in-térprete, o acompanhou nessa inspeção. Nos dias mais tranqui-los, íamos ao campo para obter castanhas, frutas e verduras, sempre preocupados com grana-das, bombas de fragmentação,

rajadas de metralhadora e aten-tos ao horário de blackout que nos obrigava a ficar em casa das 17:00 às 6:00 da manhã.

Com o passar dos dias, fi-cou evidente que o avanço dos aliados tinha sido bloqueado pelas defesas alemãs na Linha Gótica. A perspectiva de passar meses naquela situação era ter-rível. Mauro e Danilo decidiram ir para Montalcino de bicicleta para encontrar a Tia Iole. Não sei como conseguiram essa permis-são. Provavelmente por serem cidadãos brasileiros. Foi uma aventura com final feliz, já que chegaram sãos e salvos em dois dias. Entre o final de outubro e os primeiros dias de novembro, os soldados brasileiros foram trans-feridos para o front em Pistoia e em Barga chegaram os soldados norte americanos negros. Muito menos acessíveis e amigáveis e bem mais perigosos, especial-mente quando estavam bêbados.

Notas 1 e 2: Danilo e Mauro eram os primos Brasileiros de Paolo que mora-vam na cidade de Ouro Fino, MG. Com a entrada do Brasil na guerra, o Consu-lado da Italiano de Belo Horizonte, onde o pai deles trabalhava, foi fechado e todo o pessoal com as famílias repatriado. Da-nilo e Mauro foram morar com a família de Paolo.

A AMIZADE QUE NASCE NO FUTEBOL

TONINHO GUIRELI

Até os 18 anos joguei muito futebol em Monte Sião. Primeiramente no time juvenil da A.A.M. (Associação Atlética Montessonense), e também no famoso “time do Celso Grossi” (time que era muito bom e composto por jovens, que reunia os melhores jogadores da cidade, e em seguida em seu time amador, que era também muito bom). E eu fui entrando aos poucos na chamada equipe principal, ou de cima, como se dizia, e embora eu gostasse de jogar na lateral direita, essa era a posição do Nelsinho Miranda que nela jogava há anos, e muito bem! E aí eu tive que esperar um pouquinho mais!

O “cara” era muito bom mesmo! E ninguém era capaz de tirar seu lugar. É, mas em um domingo ele jogou só os 10 primeiros minutos e acabou se machucando. Coitado, daí ele se ferrou! E demorou pra voltar a jogar, e quando o fez passou a ser um quarto zagueiro (o camisa 5), pois o novo “molequinho” da camisa 2 agora era eu, e modéstia à parte eu estava jogando bem e não sairia do time facilmente, não!

Qualquer pessoa que gostasse de futebol nessa época, e que assistisse aos jogos da Associação, sabia escalar o time, que raramente sofria alteração. E o time então, era Ney, Toninho Guireli e Pedro do Oscar; Toddy, Gaspardi e Jacob; Jairzinho,

Nelsinho Miranda, Eudes, Zézinho do Oscar e Darcy. E assim, jogamos durante muito tempo, anos mesmo, com essa equipe; dificilmente entrava um ou outro jogador (talvez no 2º tempo); e só se machucasse alguém, o que era difícil!

Nossa vizinha Jacutinga, tinha também um time muito bom (Lambari, Tatau, Aleluia, ...) e contra eles fazíamos sempre bons jogos (amistosos), ora em Jacutinga, ora em Monte Sião! E era um adversário muito difícil!

Tempos depois, eu já com 18 anos fui trabalhar em Valinhos, SP, na Rigesa (empresa multinacional de embalagens de papelão), e que tinha um time de futebol muito bom; e ao chegar na fábrica, várias pessoas já vieram me perguntar se era eu o lateral direito que a Rigesa tinha ido buscar. Percebia-se que a preocupação maior das pessoas, era a presença do jogador de futebol, vindo a seguir a pessoa que ocuparia uma função importante no Setor de Administração da empresa. Mas na verdade, bastou um passeio pela cidade e fui também conhecer o Estádio da Rigesa. Lá já fiz amizades e consegui encontrar o “chefão” do time, que era o “seu Anésio Capovilla” (irmão do Écio e este sim um grande jogador do Vasco da Gama e que jogou também pela Seleção Brasileira);

O Sr. Anésio não só tinha um cargo importante na empresa, mas

era também um apaixonado pelo futebol da Rigesa, e ele tinha, também, o “passe livre” para colocar novos jogadores na equipe, como quisesse; e consequentemente na fábrica. E sem querer, eu ganhei um prestígio danado e tive que caprichar para manter esse “cartaz” que adquiri. Mas não foi difícil, não, já que nosso time, Rigesa, tinha excelentes jogadores e eu apenas “ajudei” um pouco. Mas digo que eu era também um funcionário muito bom, capacitado, no Setor de Contabilidade e mesmo em outros setores do Escritório. Eu sempre trabalhei muito bem e desempenhei minhas funções com desenvoltura, tanto que sempre recebi boas promoções. E eu não era só jogador de bola, não! Fui gerente de Contabilidade e do Setor Jurídico da empresa (durante 5 anos fiz Faculdade de Direito em Jundiaí), e quase cheguei a Diretor Jurídico, e só não fui, por preferir outra atividade, que na época mais me encantou;

Eu tive também, uma boa trajetória no time, pois comecei no juvenil (que disputava os campeonatos contra Ponte Preta, Mogiana, Guarani, Paulista de Jundiaí, e bons times de outras cidades). Mas entrei direto também no time amador da Rigesa, e aí os jogos contra Ponte Preta, Guarani, Paulista de Jundiaí, Gessy Lever, Equipamentos Clark, Operário, Rocinhense (que nessa época já tinha o craque vi-

nhedense Zechin, e que ora escreve no Jornal Monte Sião), misto do Palmeiras, do Corinthians, e esses times conhecidos e com muita torcida, traziam sempre grandes jogadores, pois tinham torcedores em Valinhos e cidades vizinhas;

Estou escrevendo este artigo, e “longe de contar papo”, mas a pedido de meu primo Ariovaldo Guireli, que gostaria de ver em nosso JMS (Jornal Monte Sião) uma matéria sobre meus jogos em times profissionais, ou mesmo contra eles, que mostrasse alguns jogadores como: Belini, Ecio (Vasco da Gama), o goleiro Carlos (Ponte Preta, Corinthians), nosso goleirão Toninho Evangelista (da Ferroviária, Botafogo de Ribeirão Preto, e Rigesa durante muito tempo), o goleiro Wilson (Corinthians), os craques Dicá, Gallo, e Polozi, (ambos da Ponte), mais o Ademir da Guia (Palmeiras) e Jorge Mendonça (Guarani/Palmeiras), e o grande amigo Guidão (do Guarani), sendo que quase todo jogo era televisado e transmitido para todo o Estado de São Paulo e acho que até outros Estados. Mas apesar disso o público comparecia em grande número; formavam-se torcidas de um lado e de outro; chuva ou sol não impedia o jogo; afinal também era transmitido pelo rádio e pela TV!

Tenho a maior satisfação em lembrar, e posteriormente dizer, que joguei futebol com

os amigos que a seguir relaciono, a saber: Wander, Vicente, Luizinho e Tiãozinho do Gabriel, Menininho, Zé Carlos, Ney, Vêio do Atilio, Eudes, Jacob, Quim Veríssimo, Bororó, Álvaro (estes em Monte Sião, MG); mais Nim Polli, Gallo, Tapera, Tupeva, Ariovaldo, Dermival, Zé Milanez, Niquinho, Clerinho, Soriano, Folli, o cantor Daniel, Guidão, o técnico Minelli, Valdir de Moraes, do Palmeiras (estes, em Valinhos, SP); e me lembro também que no período do Desafio ao Galo, quando o nosso time da Rigesa enfrentou e venceu todos os adversários, acabamos sendo desafiados por uma equipe de São Paulo, que se julgava melhor que a nossa. Já não tinha mais o Desafio ao Galo. Fomos pra luta e enfrentamos o adversário (que não informarei o nome, visto que ele não merece). O dia estava muito chuvoso. E o gramado bastante ruim. E é bom que se diga que ele estava ruim para ambas as equipes. Chuva demais; um aguaceiro danado! A TV estava presente; e foi bom porque ela mostrou o péssimo gramado (na verdade, impraticável para o futebol, no momento). Terminou o primeiro tempo e o placar era de 0 X 0. Foi quando o nosso craque Écio (que Deus o tenha), aproveitou o intervalo e mandou alguém buscar uma lata de vaselina (2 litros). Excelente idéia! Passamos a vaselina

na sola das chuteiras e fomos pra luta! E claro, os adversários, cada um com quase dois quilos de barro grudados na sola de suas chuteiras, pouco andavam. Ao contrário de nós; e claro que aí ganhamos a partida: Foi 2 X 0 pra nós. E acho que até hoje os adversários desconhecem o poder da vaselina, contra o barro.

Outra façanha que julgo ter feito, foi durante um jogo nosso, quando o árbitro deixou de apitar um claríssimo impedimento a nosso favor, e o adversário seguiu em direção ao nosso gol. Ficamos aguardando, a princípio, mas daí vi que iam validar a jogada. E nada do Juiz apitar! Foi quando a presença de espírito se manifestou, e logo sai em disparada para tentar alcançar o adversário e a bola.

E se alguém pensa que não cheguei antes que o adversário, enganou-se. Cheguei antes, sim! E deu tempo de erguer a perna e aplicar um “chapéu” no adversário; tomar-lhe a bola, e daí impedir a concretização dessa jogada, que seria um gol do adversário. Claro que um gol ilegal, que impedimos com categoria, evitando-se ainda outras discussões. E que bom que o jogo estava sendo transmitido pela TV, pois assim foi mostrada a irregularidade da arbitragem (felizmente não ocorrida em sua totalidade), a boa atuação do lateral rigeseano (que era eu), mais a nossa vitória, que foi incontestável.

Mil Coisas: Caleidoscópio

JOSÉ ALAÉRCIO ZAMUNER

Foi por estes dias que a senhorita Chouchat acordou em febre, já no ponto de 37.5°, corpo um tanto quente, pode-se dizer, mas somente isso; quente, sem outras decorrências paralelas. Juntou família ao seu lado e, previamente, rezaram um rosário do causas. Mas, Chouchat insistia que estava semente quente. Já vinha sentido assim há algum tempo. Cuidado, em horas dessas, só médico. Isso que seria necessário, único caminho. Foi, fez alguns exames prévio, para algumas possíveis mazelas do momento. Passaram-se dias, veio o resultado. Tudo zerado, sem uma enfermidade nem algum tipo de vírus. Não é possível, Doutor, de onde vem essa febre? Já atingi 38°, hoje. O médico não soube dizer, nem gripezinha tinha. Mandou ir pra casa, continuar com os cuidados, ficar em casa; trancafiada, tomar muita água,

analgésico, chá, evocar, on-line, benzedeira, pajelança, terreiro de umbanda, velho Omulu, São Lázaro... que deve sarar. Quando o médico não alcança a enfermidade, tudo de cura ancestral e arcaica tem muito valor.

Foi o que fez. Dia passando e a febre sem trégua. Famílias e vizinhos sem esperança de cura. Desenganada, assim, por nada? Nem doença feia sendo. Mas, como resolver isso? Febre não baixava ou sumia de tudo. Tomou mais remédios para a gripe, mas não tinha nenhum sinal de gripe, muito menos alguma enfermidade; conhecida, da China: será? Não pode ser! Outros exames mais profundos, todos os tipos para detectar qualquer infecção oculta, nada. Sem problemas musculares, ósseos, digestivos, cancerígenos, nada. Mas há de haver alguma infecção oculta, conhecida ou não. De onde vem essa febre insistente? Olha, esse histórico, de repente, febre oscilando

entre 38.5, 37.7, 39... E sempre em casa, sem sair, conforme as regras do momento. E hoje, desde cedo, vem com 40° de febre. É um exagero. Não vai aguentar, está ardente. Que tem, filha? Fale! Tava só devorando TV PoliShop, shops on-line, compre compras imperdíveis, já, últimas peças, hoje mesmo!! De repente, amanheceu e o dia enfadonho e febril caiu em mim, e meus memos devoraram minhas horas, deixaram-me 40° de febre. Estava tão bom em meu prazer onírico envolto desejos de tudo que gosto... Quando volto e olho daqui deste quarto e vejo imagens das lojas pipocando alegrias, vem em mim uma angústia tão profunda, meu sangue e minhas pernas paralisam

e o corpo todo começa a doer e arder: sinto tremores, náusea. E não tem um remédio que possa curar?

...Aqui sou sempre viva ativa, sem dor nem calor. Adoro olhar pra frente, o mais que posso meu mundo me oferece coisas e coisas entre coisas rodopiantes embaralhadas, só pra mim. Neste quarto pululam minhas coisas, todas me olham, transferem alegria de existir a mim: vêm em mim minhas coisas de meu mundo: tão único, sinto todas me transpassando cheias de carícias, afagos, olhares e vozes dizendo: – eu adoro você que me comprou, deixe-me sempre onde posso vê-la; – não, eu a quero bem pertinho, minha senhora, minha senhora... É tão lindo um caleidoscópio

de produtos inéditos esvoaçantes em meus olhos: sobem e descem sobre Sra. Chouchat, que em sua cama, entra em verdadeira mil transes: oh! Minhas mil coisas, como são sensuais! Venham, meus momentos de vida em mim..., mil desejos, tragam-me meus rodopiantes minutos, quero devorar quanta quantidade de tempo houver dentro de minhas coisas fugazes... fugaz, quero ser por estes corredores!

Porém, de repente, Chouchat lembra de vez e se vê só no quarto, sem outras novas coisas, sem novidades instantâneas. Levanta-se e vê o mundo caduco ao redor: armários, guarda-roupa, cama... e seus antigos desejos; de ontem mesmo, chamando, chamando-

do-a, vem! Mas, sim, recusa, sente asco nos olhos, rosto: só isso!?... Quando o tédio intenso a pega por inteira, em abraços. Rubra dor profunda, sangue em febre, febre 45° fervilhou os minutos em suas veias, estuporou poros... Socorro, socorro, não aguento mais este quarto. Quero vomitar! Socorro chegou. Vermelhidão por todo canto, quarto vibrando fogo... Fogo, fogo!... Veio carro de bombeiro.

No outro dia, a família cuidou de limpar as cinzas da Sra. Chouchat: queimou tudo, tudo que era matéria, só o tempo seguindo folgado pra frente, porque o tempo, o tempo segue impávido, sempre na mesma toada, nem liga pra desejos nem lamentos nem risos.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, Diogo Labegalini de Castro, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins

Jornalista responsável – Simone Travaglin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Alessandra Mariano, Arlindo Bellini, Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Carlos Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

PCA RENATO FRANCO
BUENO, 80

TELEPHONE:
(35) 3465 1817

105
AUTO PEÇAS

vivo
9 9852 5105
3465 3105 - 3465 5105

ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Praíinha)

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C -Monte Sião

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS

Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS

DERBY Textil

Av. Monte Sião, 925
Bela Vista
Águas de Lindoia/SP

(19) 3824.2499
(35) 99138.0307

Trabalhamos com
remalhadeiras “Compleat”
novas e usadas

- Agulhas e platinas
para retilíneas
- Agulhas e ponteiras
para remalhadeiras
- Bobinas e seletrores
- Óleo lubrificante
- Klimp para limpeza
interna

DROGARIAS ULTRA

POPULAR

Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro
(em frente ao Iate)
(35) 3465-1120 / 3465-5633
Monte Sião/MG

Rua Argentina, 19 - Centro
(no Baixo)
(19) 3924-1196
Águas de Lindoia/SP

Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao

Dynamise Farmácia de Manipulação

www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE

DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.SiãO - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 30

ISMAEL RIELLI

Galinha que acompanha pato, morre afogada.

Já que o assunto é galinha, você sabia que endez ou indez é o ovo que se deixa no ninho para indicar à galinha o local adequado pra sua obrigação matinal. Vem do latim index: índice, indicador.

É também a forma resumida da Index Librorum Prohibitorum: catálogo dos livros cuja impressão a igreja proíbe. Por no index: assinalar como perigoso. Já os livros comportadinhos recebe um Nihil Obstat. Usa-se também em latim sempre – Imprimatur: imprima-se

Sorrio, nos teus sorrisos; Nos teus suspiros, suspiro; Solução nos teus delírios; Nos teus delírios, deliro.

O Canal de Suez liga o Mediterrâneo ao Mar Vermelho; a Europa à Ásia.

Com extensão de 193 km – ida e volta Monte Sião Campinas, demorou 10 anos para ser construído. (1859 – 1869) 30.000 operários quanta terra escavada! Com 24m de profundidade 225m de largura, acolhe média de 50 navios por dia.

Por ele em 2020 passaram 19 mil navios.

Fica no Egito. Vai da cidade de Suez a Porto Said. É tão intenso o movi-

mento que sua duplicação continua em obras.

Funciona desde 1869 e teve suas atividades interrompidas em duas oportunidades – em tempos de guerra por um ano em 1956 após a invasão do Egito por França, Inglaterra e Israel.

Em 1967 por 9 anos após o início da guerra entre Egito e Israel.

Ele reduziu em 7.000km a distância das viagens marítimas entre a Europa e a Ásia evitando o contorno do continente Africano. É a maior fonte de renda do Egito.

Sapo não pula por boniteza, mas porém por precisão (Guimarães Rosa)

Comum no nosso dia a dia a expressão “Pra Inglês ver” tem sua origem na abolição da escravatura. Surgiu na primeira metade do século XIX quando a Inglaterra – até então incentivadora – resolveu, por interesses econômicos, abolir a escravidão no mundo.

O Brasil é o triste e vergonhoso ultimo país a extinguir a escravidão.

O Brasil espalhou alguns navios por nossa costa para impedir a chegada de navios negreiros. Tudo de araque. Davam-lhe guarida. Durou uns 30 anos essa encenação. Na verdade ela estava interessada em nossas riquezas,

no comércio conosco.

Os Ingleses viam, sabiam que era só fingimento e continuavam como sempre foram: fleumáticos. Não lhes convinha a indispor conosco.

Te vi na porta da igreja Antes da missa acabar... E disse lá vai uma santa Fugindo do seu altar.

Rabo de cavalo cresce pra baixo, o sul e o sudeste brasileiros, com mais atestados de óbitos do que certidões de nascimento, também está crescendo pra baixo.

Pra isso tem ajudado muito o genocida capitão cloroquina, avesso ao distanciamiento e às máscaras.

O Brasil, com seu imenso território, ainda não está na hora do controle de natalidade. Com a expectativa de vida aumentada, cresce o número de idosos e, logo, vão faltar crianças e jovens.

A menina estava com a vista irritada. Ao encontrar-se com uma amiga, esta perguntou o que havia com sua vista. Respondeu que estava com conjuntivite no olho. A amiga fez uma careta e disse que conjuntivite no olho era pleonasma.

Quando outra colega quis saber qual era o problema com seu olho, ela respondeu:

- Já não sei mais. Uns dizem que é conjuntivite, mas para outros isso é mesmo

um pleonasma.

Como já abordamos antes nessas nossas mal traçadas linhas, o pleonasma pode ser vicioso ou elegante.

Vicioso: entre já pra dentro, menino, promode a chuva; saia pra fora, se for homem. Caipira educado, quando vai pra cidade, a ju-santes convida-nos: baum (vamos) descê pra baixo. Quando volta. Baum subi pra riba.

Tinha terríveis dores renais nos rins

Cardíacas no coração

Hepáticas no fígado

Sonhei um sonho, caí um tombo

Se a conjuntivite não for no olho, onde haverá de ser? Pleonasma não é uma doença tão grave assim. Pleonasmos elegantes que dão ênfase ao texto.

Vi com meus próprios olhos, apalpei com minhas mãos.

Pelo divino amor de

deus, fiquem em casa, se puderem!

Más, porém (conjunções adversativas) para reforçar a ideia de adversidade são pleonasmos interessantes. Ambos os dois também.

Se formos muito exigentes, encontramos pleonasmos em “outra alternativa” já que na raiz latina de alternativa está o pronome alter = outro. Não há outra alternativa, senão o impeachment.

Galicismos com R

Raffiné: requintado, de gosto apurado.

Rendez-vous: entrevista, entrevista amorosa, lugar onde se dá um rendez-vous; lugar onde se alugam quartos por hora para encontros amorosos. Motel.

Rempli de soi-même: cheio de si; convencido; que tem o rei na barriga.

Renard: agasalho de senhora, feito da pele inteira da raposa. Le corbeau et le renard (o corvo e a raposa)

conhecida fábula de La Fontaine.

Revanche: desforra, des-pique, nova competição.

Réveillon: festa com baile e ceia na véspera do ano bom.

Roquefort: queijo forte, feito de leite de ovelha, ao qual se incorpora pão mofado.

Rotisserie: estabelecimento onde se assa carne a seco, em espeto ou grelha.

Um livro aberto é um cérebro que fala;

Fechado; um amigo que espera;

Esquecido, uma alma que perdoa;

Destruído, um coração que chora.

(Emerson)

Um país é feito de homens e livros

(Monteiro Lobato)

Se você vier hoje, começarei a ser feliz antes da sua chegada.

(Saint-Exupery em O Pequeno Príncipe)

Doce Vida

O almoço foi na varanda mesmo, a avó deixou. Arroz, feijão, ovo e farinha. Como que se comesse rápido acelerasse a chegada do presente.

Será que dá tempo de eu ir lá ver os porcos? Dá sim. E de cima dá para ver quem aparece na cerca. Foi devagar por aflição. Porque ao voltar à casa lhe esconderia aos olhos a agonia. Perto do chiqueiro não se incomodou com o cheiro. Os três não tão roliços precisavam de mais lavagens pro abate: carne separada para avó e neto e outro tanto para dar em troca nas roças vizinhas.

Sentado na mureta, entristecido pelos bichos cabisbaixos que pouco se movimentavam, tudo ali era vasto. Dentro e fora. O mato queimado pela queixa solitária de um garoto que impendia voz. Os padrinhos não cuidariam dele na falta da avó já bem idosa. Ficaria a mercê da escola rural e pequenina que parecia mais acumular papéis na parede de barro do que aprendido.

Voltou seus olhos à casa, que estava menor dada à distância. O deserto da viera, empurrando a poeira para cima, dizia algo. O sol agora aparecia tímido.

Pé ante pé sentou-se novamente na varanda, dessa vez com as costas para o outro lado. Pegou seus boizinhos de batatas e palitos, fez fazendinha justa ao seu sonho. Um enredo real que em certa medida falava sobre amor por qualquer tipo de futuro. Entretido fez um caminho

de pedras, em um formato de coração, onde duas pedras avermelhadas e maiores eram ele e a avó. Bem no centro.

Ela não dividia com o neto a impaciência que também sentia. Suas rugas na janela, olhando disfarçadamente o menino, acolhiam o seu peito falando em silêncio sobre esperança.

Quando encostou a cabeça na parede, sonolento, a avó lhe esquentou leite que tomava toda tarde, com gosto de fogão à lenha.

- Meu menino tá virando homem — um cafuné na cabeça como se firmasse a sua presença.

- Eu já sou homem.
- É sim um hominho de quase dez anos.

O leite quente aumentou o sono. Olhava o céu com nuvens vagarosas e não escondia os ouvidos para que ouvisse o carro quando chegasse. Eles não falhavam nunca. A certeza da chegada enternecia os fios brancos da avó.

O menino dormiu o sono dos nervosos; nuca colada ao chapisco abaixo da janela.

Quando abriu os olhos a lua nascia. A avó dormia na cadeira ao lado.

Ninguém apareceu na estrada.

Fim

Peixe Galo não é Urubu?

ARNALDO GUIRELI

Para o Bairro Carapiá prumamos eu, Odair Comune paisagista e grande cozinheiro rural; Martinho Andreta músico, encanador e lateral esquerdo da Associação e Davi, sempre cara fechada, que mais tarde veio a ser genro do compadre Dodô. Além de estar programado fazer uma poda e uma bela capina na propriedade do Todi, nós queríamos pescar bons peixes e saboreá-los ao som de uma boa caninha.

Chegamos ao entardecer. E logo o azul do céu deu lugar a um carrancudo escurecer cheio de nuvens pesadas. Começou a chover finisquinho. O Martinho, que preparara o covo e as iscas para as varas foi logo acendendo a lanterna com carbureto que espantava qualquer mosquito. Chegando à beira do rio com a chuva aumentando sua intensidade. Mas, Martinho com destreza já pescara quatro bagres muito bons e houve tempo para armar o covo e as varas.

A chuva agora caia a cântaros. Desabou de vez. O Odair, fazendo jus à fama de bom cozinheiro, reacendeu-nos com um aroma especial na cozinha toda com um arroz especial ao ensopado de bagres fresquíssimos.

A caninha rodou. Martinho despedindo de todos, e meio “bambo” prometeu levantar de madrugada para buscar os peixes do covo e as varas.

A chuva não cessava. Intensificava a noite toda. E parou mais ou menos às quatro e quinze da madrugada.

Tudo escuro. Martinho procurou a bota que não entrava de jeito nenhum em seus pés. Nervoso, cortou o cano das mes-

mas. E mesmo assim entrou de forma apertada. Ao sair ficou espantado quando verificou que o rio havia transbordado. E o covo e as varas? Meu Deus! Localizou-as em cima de uma árvore de porte médio. E o pior, sem peixe algum.

Odair levantou-se e também procurou sua bota e não a encontrou. Com desconfiança rumou para fazer um café encorpado. De repente o Martinho adentra parecendo mais um bicho do mato, e diz: - Dair que chuva, tudo alagado e acho que meus pés de noite incharam e tive que cortar o cano das botas! O Odair que só estava escutando de repente, num estalo, olhou a bota sendo retirada dos pés pelo Martinho. E grita: - Martinho estas são minhas botas!

Discutiram o dia todo sobre o fato!

Não tinha peixe e somente arroz. O Davi, já nervoso, disse conhecer o lugar. Então o Odair convidou-o a sair e procurar alguma coisa para o almoço. Avistaram um casebre, e de lá, após batidas no portão, aparece uma senhora com ares de humildade e timidez. Odair perguntou se não poderia vender um frango para o almoço de companheiros. Ela negou. Mas, disse ter um galo e este ela poderia vender. Negócio fechado.

Odair e Davi saíram com o referido galo para o almoço. Em uma panela grande com água já fervente colocaram o galo já depenado. Deixaram de fora apenas as esporas. Mourões de cerca foram colocados para acender um fogo bem alto. A caninha começou a circular, Martinho descansava e pensava no que poderia ter acontecido para o covo ter saído do lugar... Davi não aguentava de fome e

Odair podava as flores e relvas e carpia o quintal.

Fazia horas que o galo cozinhava. Odair com um garfo observou que a carne do mesmo não amolecera nadinha de nada. Estava pior que pneu ou o famoso urubu do Gabrié Sordado.

Com raiva, pegou o galo e cortou-o mais fino ainda. Voltou à panela para amolecer a carne e quem sabe fazer um mexido com arroz tipo risoto.

Martinho, desafinadamente, começou a cantar as canções de Vicente Celestino o que fez Odair esquecer das botas e ambos abraçados cantavam com mais força a cada passagem da música.

Davi passava a mão na testa várias vezes, suando de fome.

Odair observa que a carne não amolecia de jeito algum. Sentenciou este galo é mestiço com urubu, não é possível. Olhamos no relógio e já era três e quinze da tarde.

Mais quinze minutos o Odair jurou colocar sobre a mesa o almoço. Galo risoto ao molho de tomate porque peixe o Martinho ficou devendo. E sentenciou: Este Galo é resistente feito o Urubu do Gabrié Sordado.

Voltaram para casa cada um com seu riso escondido!

SEGURANÇA

CATINI

ELETRÔNICA

Ligue:

1193 3824-5421

1193 3824-1094

Venda e instalação de Alarmes

Monitorados e convencionais

CFTV - Cerca Elétrica

Locação de equipamentos

Monitoramento Via Rádio, Internet e Linha Telefônica.

Solicite um Orçamento sem compromisso!

Av. Monte Sião, 3333 - Loja 20 - Shopping Uniminas

Águas de Lindóia - SP - www.catinisegurancaeletronica.com.br

POR AQUI!

ARIOVALDO GUIRELI

Para Minas Gerais olhavam como um Estado silencioso. O mineiro conspira quando está em silêncio, diziam.

Era um tempo de respeito às tradições. Tradição esta que engendrava pela cozinha adentro pois em cada lar mineiro havia uma receita especial de família que passava de geração em gera-

ção. O gesto que cria hábito vira tradição!

Hoje Minas fala muito alto. As máquinas não param. As estradas perderam o barro.

Aquele bolo da avó deixou de ser feito porque a confeitaria da esquina entrega prontinho.

Acomodamos.

Deixamos o significado do silêncio gritar em todas as montanhas e nos perdemos ...

Está na hora de reencontrar as veredas e deixar o sol de minas invadir nossa alma.

Nem sempre admitimos que estamos tristes ou magoados. A ilusão de não querer demonstrar fraqueza deixa o orgulho camuflar a realidade. O perigo é este. Quando tentamos esconder o que realmente sentimos.

Cada vez que ficamos ensimesmados vamos nos adoecen-

do. O ressentimento e amargura se alimentam por esse bobo orgulho e faz da vida um caminhar enfadonho.

A franqueza causa até incompreensão e abalos, porém logo percebemos que é a porta de entrada para uma retomada de vida mais tranquila e benfazeja.

Por muito ou pouco tempo a resistência se faz imperar e se fortifica no processo, cotidiano de

aprendizagem.

Não se revolta com os costumes adquiridos, mesmo que a olhos outros sejam considerados impuros, impiedosos e massacrantes.

Em cada estação, em cada movimento, mesmo que inconsistentes nos manejamos feito folhas ao vento que antes de tudo se chamou semente(s).

Pequenas? Do tamanho da

terra prometida. E a cada espaço que foram agasalhadas.

Enovelou-se, em princípio, para ganhar a liberdade desejada e um dia ser chamada de “folha(s)”.

BRUNO LABEGALINI

Veja bem, nosso momento presente é de tal forma lastimoso que qualquer sopro de otimismo parece distante. Em especial, as percepções ufanistas e mitológicas que ostenta nossa pátria mãe, desde que a aventura do homem branco aqui começou, parecem fazer cada vez menos sentido. Cabe refletir se essa noção atual é em função de uma maior clareza a respeito de nossa realidade, e por isso de certa forma positiva ao suplantar a visão anterior que era ilusória, ou se nós temos de fato desperdiçado o potencial que, desde que dançaram juntos europeus e indígenas numa praia baiana em abril de 1500, sabemos ter. Muito provavelmente, uma mistura das duas coisas. De qualquer forma, me parece que mesmo a expressão e a esperança de um futuro de glórias que ela remete está cada vez mais em desuso. A gente não tem ouvido muito mais por aí que o Brasil é o país do futuro, ou estarei eu enganado?

O fato, contudo, é que essa é uma expressão que ficou muito presente no imaginário brasileiro desde os anos 1930, quando o país começava a se modernizar com maior rapidez. Tal ideia de progresso econômico com harmonia étnico-social povoou os discursos políticos e acadêmicos, sendo incorporada por vezes à propaganda oficial ao longo do tempo. Décadas depois, estaria presente de alguma forma quando das manifestações populares de 2013, em que emergiu a expressão “o gigante acordou” - mas em que muitos apontam hoje que se perdeu de vez, talvez em razão da manipulação, por determinados grupos, desse mesmo sentimento nacionalista. De qualquer forma, até há alguns anos era um epíteto que acompanhava recorrentemente o nome de nosso país. Barack Obama, por exemplo, quando de sua visita ao Brasil, utilizou dessa expressão por mais de uma vez. E não é à toa, aliás, que a origem da expressão remete a outro estrangeiro, que também passou por essas bandas.

Seu nome era Stefan Zweig (1881-1942), um escritor austríaco de expressão alemã muito influente na primeira metade do século XX. Sendo judeu, fugiu de sua terra natal, e encontrou no nosso país um modelo de sociedade que, a seus olhos embotados das cinzas da Segunda Guerra Mundial, pareceu perfeito para a reconstrução do mundo. Escreveu ele, então, “Brasil, País do Futuro”, livro de 1941 que traça um perfil de país amistoso, em que não havia diferença entre as pessoas de cores e raças diferentes e que, por isso, ofereceria solução para os problemas raciais do mundo, ao praticar a unidade e a fraternidade entre os povos. Em oposição à Europa, com seu histórico de litígios seculares e em pleno auge do embate nacionalista e da violência étnica, o Brasil se apresentaria aberto ao futuro, ao desenvolvimento. Tudo isso potencializado por um ambiente de infinitas riquezas naturais, que podem ser resumidas em uma frase sua que se tomou célebre: “se existe um paraíso na Terra, ele não pode ser distante do Brasil”. À luz do tempo, estando nós algumas décadas à frente, parece que sua profecia não foi muito bem sucedida. Talvez, ainda, ela fosse demasiada idílica desde sempre. Mas serve, de qualquer forma, como reflexão simbólica de nossas potencialidades e contradições - como o próprio desfecho da vida de Zweig, mas sem spoilers por ora.

Voltemos, antes, ao começo de tudo. Os cânticos às belezas paradisíacas de nossa natureza e ao nosso potencial de desenvolvimento acompanhavam toda a trajetória de nossa nação, podendo ser considerado o marco inaugural a carta de Pero Vaz de Caminha, que louvava ao rei as graciosidades da terra encontrada, donde se cunhou a expressão de que nela, em se plantando, tudo daria. De fato, muito do que se cultivou aqui gerou frutos abundantes, apesar de toda dificuldade de exploração, seja pelas dimensões continentais do território e sua inospitalidade e as distâncias oceânicas do centro econômico. Mas,

tendo-se deitado cultivo, geraram-se ciclos econômicos que tanto contribuíram para ocupação e desenvolvimento da terra como agudizaram suas contradições. Atividades essas em muito aproveitando da fertilidade da terra, em princípio já explorando o pau-brasil que, além de batizar nossa pátria, possibilitou o financiamento das expedições iniciais e contribuindo para a afinidade, assim digamos, que os povos ora em contato passaram a ter. Posteriormente, outras atividades se suplantaram, suplantando-se também por vezes a paisagem que a abrigava, ainda que coexistindo temporalmente, numa eterna marcha para as novas fronteiras agrícolas como hoje ainda se vê, sobretudo na produção de grãos, como milho e soja (e de gado, que de certa forma lhe é adjacente).

Não à toa a mítica de país do futuro, sobretudo como provedor de alimento da humanidade, é utilizada pelo agronegócio na promoção de suas atividades, e também na defesa de políticas públicas que as valorizem. Anteriormente em nossa história se percebem situações similares, em que a atividade econômica primordial fez surgir uma elite que em muito direcionou os rumos políticos do país, notadamente no ciclo do café, nos séculos XIX e XX, que contribuiu em muito com mudanças significativas de nossa sociedade: a proclamação da República, a abolição da escravidura e a política de imigração, por exemplo, estão totalmente conectadas a essa lógica. Outros ciclos também se percebem existir, com maior ou menor influência da realidade econômica, social e política do país e da localidade em que habitaram: o algodão dos século XVIII e XIX, sobretudo no Nordeste; a borracha nos séculos XIX e XX, na Amazônia; o cacau, na Bahia do século XX.

Mas há que se mencionar o ciclo do açúcar como um divisor de águas, pois foi ele que de fato possibilitou a projeção de exploração econômica do território a partir do século XVI, desde o nordeste e seu solo massapê, e ocupando depois parte representati-

va da costa brasileira, com engenhos e plantações de cana. Essa atividade, a exemplo do café, também impactou a sociedade e a economia brasileira de muitas outras formas. Uma foi com a introdução do gado, a princípio como força motriz cultivada nos currais do sertão nordestino e constituindo ali a chamada “civilização do couro”, e que depois se espalhou pelo restante do país ao longo dos séculos, por meio das vaquejadas, das comitivas e dos caminhões, formando a cultura sertaneja em tomo de sua criação que hoje é tão forte. Mas o elemento introduzido com a cultura açucareira que de fato foi fundamental na formação de nosso país tem o aspecto humano - ou, melhor, desumano. Seguindo os experimentos de cultivo de cana de açúcar em Cabo Verde, a economia real lusitana introduziu no Brasil um modelo produtivo que intrinsecamente contava com a exploração do trabalho escravo.

O negro foi introduzido no Brasil, dando origem à mestiçagem romantizada por Gilberto Freyre, que também codificou a sociedade brasileira na dicotomia casa grande e senzala, metáfora em muito ainda utilizada para descrição da desigualdade social no país. Esse elemento, oficialmente à margem da sociedade até 1888 e socioeconomicamente até os dias atuais, à parte toda romantização em seu entomo, foi fundamental para a construção de nossa sociedade. Não apenas pela matização de nossa pele e as infindas contribuições à nossa cultura, mas possibilitando a construção - literal - da civilização desse além mar, e também suas mudanças, e/ou resistências a mudar. Foram os negros, por exemplo, que edificaram as cidades coloniais, e que suaram e sangraram pelo ouro no ciclo que, definitivamente, valorou essa terra aos olhos da Coroa, já no século XVIII.

Foi também em tomo da escravidão, e de sua exploração econômica, que muitos dos fatos marcantes da história brasileira ocorreram, principalmente após 1808, quando da vinda da família real e o fortalecimento

de um pensamento especificamente nacional brasileiro a respeito de nosso futuro - exatamente porque, a partir de então, se instalou aqui uma elite de fato. E esse pensamento incluía a exploração dessa força de trabalho, numa relação de posse jurídica e submissão moral para com o dono, que perpassou vários dos ciclos econômicos citados, e os sustentou. Não à toa, o tráfico de pessoas pode ser apontado como a principal atividade econômica do Brasil pré republicano, sendo o nosso país o que mais recebeu escravos, e um dos últimos a abolir de fato a escravidão. Joaquim Nabuco escreveu, estando os escravos recém libertos, que “a escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil”. O futuro em que tal influência não possa ser enxergada ainda não chegou, podemos afirmar.

Esse mergulho ao passado nos serve para perceber que nossa realidade sempre foi de contradições e conflitos, apesar dos (e devido aos) nosso potenciais de desenvolvimento e riqueza. Condição que ainda permanece e que, comparando momentos históricos e desenvolvimento social e econômico, nos faz concluir que somos muito mais presos ao passado do que preparados para o futuro, uma promessa de progresso adiada sine die. Nossa estrutura econômica, aliás, continua muito dependente de atividades muito basais, que demandam demais de recursos naturais sem gerar distribuição de renda ou desenvolvimento tecnológico, mas ainda influenciando decisivamente nossas políticas econômicas. E apesar do olhar gringo muitas vezes identificar um “Brasil tipo exportação” muito bem resolvido e tolerante, com uma convivência pacífica de povos numa terra abençoada por Deus, ainda estamos carentes de resolver nossos traumas mais fundamentais. Não valorizamos o básico que nos faz ricos, seja nossa diversidade sociobiológica, sejam nossas virtudes naturais. Sobre a capacidade de nossa terra tudo produzir, o que Caminha textualmente diz é que as “águas são muitas; infin-

das (...) e em tal maneira [esta terra] é graciosas que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.” A maneira como lidamos com nossas águas, desde a conservação das nascentes à manutenção de rios, como o triste caso recente do Rio Doce, mostram que não levamos a sério as recomendações firmadas em nossa escritura.

De qualquer maneira, o futuro é uma abstração, é uma realidade que nunca chega, mas que pode nos servir como um norte, uma meta. Nosso grande risco é ficarmos presos a esse mito, fantasiados de nossos idílios proféticos, sem cuidar para que nos desenvolvamos de fato, atados à profecia reversa de uma vida inteira que podia ter sido e que não foi, como escreveu sobre si Manuel Bandeira. Ou como o próprio Zweig que, percebendo as possibilidades de o Brasil adentrar à guerra da qual havia fugido, tira a própria vida em solo brasileiro, em 1942.

Se queremos de fato nos construir como nação do futuro, não somente no sentido de exemplo ao mundo, mas como sinal de maturidade social, devemos olhar para esses símbolos históricos nem com ufanismo naïve nem com pessimismo trágico, pois urge nos comportar como um país adulto, capaz de se levar à terapia, e tomar as rédeas de sua própria trajetória. Precisamos nos revisitar, saber quem de fato somos e sobre o que concordamos, quais valores nos embasam e guiam nossa ordem e nosso progresso. Nessa regressão, lembremos do professor Darcy Ribeiro, que falava que a coisa mais importante é inventar o Brasil que a gente quer, e façamos como Caminha também escreveu, que o fundamental seria cuidar dessa gente. Cuidemo-nos, agora mais do que nunca isso é premente. E quem sabe seja como diz o verso da banda Baiana System: “o futuro não demora”.

Um segundo aniversário

ZUCA

Desde bem pequeno, todo mês de março no meu aniversário, meu grande amigo Alexandre “Pande” Pennacchi dois meses mais novo, vem me dar os parabéns com uma piadoca: “passou na minha frente”. Em maio, no seu aniversário, eu retribui a graça: “me alcançou de novo”. Mas o interessante é que nós dois acabamos diminuindo essa diferença no meio do caminho, quando Deus quis que fizéssemos aniversário junto com outro grande amigo, o Rogério, irmão do Pande.

No começo de abril de 1990, eu ficaria dois finais de semana seguidos em Itajubá, mas durante um churrasco na sexta à noite na república do Boca, resolvi ir arrumar minha mochila e voltar no sábado de madrugada para Monte Sião. Não era pra ser assim, mas foi. Era pra ser assim. O que tem que ser, sempre será.

Sábado à noite, fomos eu, mamãe e o Fer visitar o tio Hélio em Águas de Lindóia, que naquela ocasião tinha passado

salvo engano pela terceira cirurgia de ponte de safena, na sua longa jornada de desafios com o coração. Depois de um tempo ali com ele, o Fer foi levar minha mãe para casa e eu fui encontrar a turma na Rua São Paulo, para depois arrumar uma carona de volta.

A turma toda de Monte Sião já estava lá.

Ficamos tomando umas entre a choperia do seu Toninho Nove- li e o bar do Cueca, quase frente a frente. Na Choperia estavam os Menudinhos de Águas tocando, então no bar do Cueca tava melhor pra ficar. Além da cerveja gelada de garrafa, o som de rock dos CDs era bem melhor! A gente escolhia a trilha sonora e ia trocando os CDs de U2 para Dire Straits para Legião Urbana ou Titãs, dali para Guns n’ Roses ou Led Zeppelin e outros mais.

Já perto de meia-noite, resolvemos ir embora. Eu tinha conseguido carona com o Pande e o Rogério. O Rogério estava super tranquilo e nem tinha tomado cerveja, porque tinha jogo da Associação no campeonato munici-

pal naquele domingo.

Na metade do caminho começou tocar uma música romântica no toca-fitas do carro e o Rogério que devia ter levado algum pé na bunda, rebobinava a fita pra tocar de novo a mesma música. Depois de uns 3 ou 4 replays o Pande se encheu e virou pro lado pra dormir no banco da frente. Eu atrás, só olhando a paisagem.

Quando chegamos no Posto Fiscal na entrada de Monte Sião, o Rogério deu graças à Deus de estarmos chegando bem e eu fiz Amém. Mas ele quis voltar a música mais uma vez. O Pande acordou assustado e nisso o carro estava escorregando para a direita. O Rogério se assustou e puxou a direção de uma vez. Graças à Deus demos graças à Deus. O Cara lá em cima cuidou da gente. O carro bateu na guia do lado direito do retão da entrada e começou a capotar para o meio da pista atravessando até o lado esquerdo, bateu na guia do outro lado e começou a capotar de novo até parar com as rodas no chão para quase cair na sala da

casa da tia Nenê e do tio Nenê da Alice.

Lembrando agora com a distância do tempo, a sequência rápida de viradas com lua-chão -lua-chão-lua-chão-chão-lua-parou, não deve em nada para nenhuma Montanha Russa da Disney. Emocionante! Mas prefiro as Montanhas Russas.

Carro parado. Todos bem. Detalhe: na época ninguém usava cinto de segurança. Os dois estavam bem sentados nos bancos da frente e eu tinha ido parar no porta-malas. O Pande se apossou e saiu do carro pelo vidro da frente, que aliás não existia mais vidro, só caíós. Fez um corte pequeno no braço. Eu destravei a porta e saí depois do Rogério. Mais uma vez, graças à Deus estávamos os três bem! O carro estava destruído, mas nós inteiros. Claro que com as pernas bambas e nervosas com a pânico.

Não tinha o que fazer ali. Perda total da Parati. Fomos andando até a casa do seu Porfírio pra avisar o ocorrido. A dona Lenir com sua fé absoluta e muita tranquilidade, colocou o Pande

no banho e acalmou o Rogério. Depois o seu Porfírio pegou a Variant Trovão Azul e fomos até o lugar onde o carro ficou pra dar uma olhada. Era só avisar o seguro e esperar buscar o carro no dia seguinte.

Confesso que só quando cheguei em casa bateu um medão de verdade. Acho que a ficha foi caindo, o sangue foi esfriando. Fazia poucos meses que meu pai tinha falecido. Eu ainda meio impressionado e sentimental, fiquei em dívida se eu tinha morrido também e não estava entendendo. Não podia ser possível estarmos vivos. Precisei acudir a minha mãe, fiquei um pouco abraçado e acabei dormindo na cama dela (isso queria poder fazer de novo).

Diz a lenda que na missa das 10 da manhã seguinte, o Marcelino, como um Arauto do Apocalipse, ia avisando de um por um o que tinha acontecido “O cara. Tá sabendo? Rogério, Rodrigo, Pande ... capotaram a Parati”.

Um pouco mais tarde naquele Domingo de Ramos, eu estava na casa do Vô Peri e da Vô Neca

assistindo algum jogo da Juve no Campeonato Italiano da Band, esperando pra almoçar arroz de forno com frango assado, quando toca a campainha. Eram o seu Porfírio com o Pande e o Rogério passando pra ver se eu estava bem. Não esperava. Até hoje fico agradecido com essa atenção dele. Emocionante se ver bem e ver seus amigos bem depois daquele susto terrível! Só então lembrei de dar parabéns pro Rogério. Era o aniversário dele e na confusão que foi a nossa virada da meia-noite, acabamos esquecendo. O Rogério então me deu os parabéns e para o Pande também, afinal escapamos da morte ou nascemos de novo ou ganhamos nossa vida de presente pela segunda vez.

Já se vão então trinta e um anos comemorando essa segunda data de aniversário com esses dois grandes amigos-irmãos. E serão muitos outros ainda, certo?

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Trico

Abril de 2021

Nº 586

ANIVERSARIANTES DO MÊS

MAIO DE 2021

Dia 1

Guilherme Silva Monteiro
Caio José Labegalini
Maria Neuza C. Daldosso
Susete Susana Canela
Dia 2

Waldemar de Castro Ribeiro Jr.,
Leandro Zucato Lopes
Dia 3

Suelen Silva Tozetti,
Ernesto G. de Bacellar,
Barueri/SP
Elizandra Otaviano
João Paulo D. Machado
Dia 4

José Claudio Faraco,
Wliian Canela
Rafael Labegalini
Danieli Fonseca de Godoi
Dia 5

Paulo Roberto R. Zucato,
São Paulo/SP
Daniel Vicentim
Dia 6

Ruth Elaine Silva Felício
Alexandre Pennacchi
José Newton Volpini
Ricardo Bertoni
Dia 7

Diná Correa Genghini
João Paulo C. Costa
Maria Aparecida C. Biscuola
Natalia Durante Pennacchi
Felipi Magioli Cadan
Dia 8

José Cid Gotardelo
Dra. Eloiza M. Jacomassi,
Rio de Janeiro/RJ
Larissa Monteiro Comune
Keller Carolyne Cardoso
Dia 9

Carolina Nasser Gouvêa
Lendro Gonçalves da Silva
Jeferson Galbiati
Luiz Francisco Canela
Aurora Magalhães Jaco-
massi,
Rio de Janeiro/RJ
Luiz Gustavo Torteli Faraco
Dia 10

Sérgio Custódio,
São Pau/SP
Luana Virgílio Comune
Mariana Caetano Monteiro
Ricardo Belinati da Fonseca
Dr. Flávio Le Grazie
Sílvia M. C. Pereira Bueno
Fabrícia Magioli Cadan
Dia 11

Mário Kiyo Izume
Cecília de Souza Morais
Dia 12

Tereza da S. Labegalini
Kalaré/PR
Cláudia Regina R. Zucato
Eliana Takahashi
Maria Letícia O. Bernardi
João Lúcio Genghini Jr.
Cláudia Zucato
Dia 13

Angélica Folgosa Macedo
Walderez Gotardelo Canela
Kátia Cely Gotardelo Lopes,

Belo Horizonte/MG
Dia 14

Marcelo Guireli
Valinhos/SP
Laiz Righete
Dia 15

Paulo Rogério Santos
Isaura Jusinkas Labegalini
Maringá/PR
Luiz Gustavo C. Freire
Dia 16

Fábio Guireli
Sônia Maria Costa Pereira
Grossi
Nilson Araújo
Flávia Canela
Dia 17

Mirtes Custódio Beltrami,
São Paulo/Sp
Tatiana Tavares Silva
Sebastião Jacomassi,
Rio de Janeiro/RJ
Vivian Cristine de Paiva
Dia 18

Elizabete Tavares Miranda
Rogério Uemura Gatolini
Elizabete Otaviano Miranda
Francisco A. M. Gatolini
Vivian Cristine de Paiva
Dia 19

Daniela Beltrame Scorzab
Rodrigo G. Gatolini
Dia 20

Ferdinando Righete,
Daniela Zucato
Gustavo Righete
Dia 21

Mário Sérgio Souza Bueno
Tânia Labegalini
Dia 22

Nayara Zucato Righete
Aline Bueno
Dia 23

Creusa Morais de Oliveira
Caio Costa Pereira Grossi
Robson A. dos Santos
Davina A. dos Santos
José Benedito S. e Santos
Dia 24

Mônica Monteiro
Dia 25

Rafael Buraneli Machado
Felipe Araújo
Dia 26

Vitória Penachi
Samanta C. Vilas Boas
Dia 27

Joana de L. Shinohara
Mauro Assis dos Santos
Dia 28

Waldemar Labegalini,
Maringá/PR
Dia 29

Felipe Cyme Beltrame
Maria Cléria Comparim
Costello, Englewood,
Flórida, USA
Mirian Labegalini
Maria A. M. Cardoso
Dia 30

Camili de Fátima Artuso
Giseli de C.D. Souza
Márcio Magoichi Izumi.

A todos, as felicitações da Redação!

Monte Sião

ÚLTIMO TREM

Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião

A Fundação Cultural Pascoal Andreta, mantenedora do Museu, está promovendo uma reestruturação no seu acervo, restaurando peças, mudando a disposição de algumas coleções, e desenvolvendo um projeto para uma nova seção.

Fechado por conta das diretrizes dos governos municipal e estadual, o Museu voltará a receber público a partir do dia 28 de abril.

Visite-nos! Aberto de quarta a sábado das 09h às 17h

XIX Concurso “Fritz Teixeira de Salles” de Poesia

As inscrições para o XIX Concurso de Poesia foram encerradas em 23/04/2021 para as categorias Adulto (2827 poesias de 1567 participantes) e Juvenil (233 poesias de 145 participantes)

Para a categoria Infantil foram prorrogadas até 30/04 de forma que tenhamos maior participação dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

16/04/2021 - FUNCIONAMENTO DAS EMPRESAS EM MINAS GERAIS A PARTIR DE 17.04.2021

Foi publicado nessa data no diário oficial de Minas Gerais por parte do Comitê Extraordinário Covid-19, normativo que RECLASSIFICA o Sul de Minas para ONDA VERMELHA. Na prática, isto quer dizer que todos os estabelecimentos comerciais (indústrias, lojas, cabeleireiros, etc) poderão voltar a atender seus clientes, de acordo com as restrições da referida onda.

A referida reclassificação terá validade, a princípio, de 17/04/2021 a 23/04/2021. A depender do resultado do período, poderá ocorrer novamente a reclassificação.

Nesta fase, todos os decretos municipais voltam a ter validade, ou seja, o prefeito é quem determina as diretrizes do funcionamento do comércio local.

LIVROS DO LOLA (II)

A Fundação Cultural Pascoal Andreta continua com a venda alguns dos livros escritos pelo Lourenço Guireli Jr, o Lola. São livros com registros históricos de Monte Sião e da indústria de malhas na nossa região.

Você pode encontrá-los na Lojinha do Museu, Loja Teresinha (Dª Cleide), Loja Vall Vestti, Loja do Plácido (Bernardo), Farmácia Dynamise, Laboure Centro Clínico e Sebo do Ismael (Águas de Lindóia)

Se você tiver interesse em vender os livros em sua loja, entre em contato com o pessoal do Museu.

-X-X-X-X-X-

O QUE VOCÊ FARIA PELOS SEUS FILHOS?

José Antonio Zechin

Um dia lá no passado eu circulava extasiado pelas salas do Museu de Arte de São Paulo, numa exposição de grandes pintores mundiais, quando me deparei com o quadro The Sacrifice of Isaac, de Caravaggio. Fiquei estático. Foi uma emoção tão forte que meus olhos se encheram de lágrimas. A pintura é dramática, quase angustiante. Para quem não se lembra, como uma prova de fé, Deus pede ao patriarca Abraão que sacrifique seu filho Isaque. No último momento, um anjo aparece e interrompe aquela morte certa.

O que é ser pai? Ser pai é uma responsabilidade infinita. Mas como deve ser a relação entre pais e filhos? Quanto devemos fazer pelos nossos filhos? Vez por outra eu e um amigo discutimos o que temos feito por eles, se certos ou errados nas decisões. Estaríamos fazendo demais, protegendo demais? Deveríamos fazer menos, para que eles próprios sentissem as dificuldades da vida e aprendessem a se virar sozinhos? O assunto é complexo e imagino que os pais se dividam nesta opinião. Com certeza, há aqueles

que fazem tudo pelos filhos e outros que deixam os filhos enfrentarem suas próprias dificuldades. Como sempre digo, para qualquer assunto, não existe um único caminho, uma única verdade. Cada um, cada um. E assim a vida segue.

Considere ainda que a forma de educar filhos muda completamente de uma cultura para outra. A maneira não é a mesma no Brasil ou no Japão, nos Estados Unidos ou na Índia, na Islândia ou na Finlândia – só para citar alguns países. E os pais também são diferentes, conforme o que já enfrentaram na vida. Sempre lembrando que não existe uma cartilha para educar os filhos. Daí as diferentes formas de ensinar. E talvez não tenhamos a sorte de ter um anjo que possa indicar o melhor caminho. Dizem que os filhos não pertencem aos pais, mas ao mundo. Você também pensa assim? Estamos na Quaresma. Um tempo de reflexão. Esta passagem bíblica foi o tema do evangelho do último domingo. Pensei em compartilhar este desafio com você: o que você faria pelos seus filhos?

BALANÇO PATRIMONIAL		Folha 01
ASSOC. PAIS E AMIGOS EXCEPC.- APAE DE MONTE SIAO/MG		CNPJ: 41.774.639/0001-01
Período: 01/01/2020 a 31/12/2020		
ATIVO	1.256.607,73 D	VEÍCULOS 52.789,75 D
ATIVO CIRCULANTE	692.229,84 D	VEÍCULOS 52.789,75 D
DISPONÍVEL	678.897,59 D	
CAIXA	3.747,31 D	INSTALAÇÕES 113.579,10 D
CAIXA BAZAR	615,95 D	INSTALAÇÕES 113.579,10 D
CAIXA TELEPAE	3.131,36 D	
BANCOS CONTA MOVIMENTO	667.694,54 D	
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL 385-8	54.320,36 D	(-) DEPRECIações, AMORT. E EXAUST. ACUMUL 239.833,83 C
BANCO DO BRASIL C/C 20.059-X	609.237,48 D	(-) Depreciações de Móveis e Utensílios 26.265,86 C
BANCOOB – C/C 1504001-01	4.136,70 D	(-) Depreciações de Máquinas, Equip. Fer 7.580,60 C
APLICAÇÕES FINANCEIRAS	7.465,74 D	(-) Depreciações de Veículos 52.789,75 C
APLICAÇÃO CAIXA E. FEDERAL 2023-0	10,01 D	(-) Depreciações de Instalações 51.952,00 C
APLICAÇÃO BANCO DO BRASIL S/A 6049-6	481,11 D	(-) Depreciações Equip. de Computação 50.629,10 C
APLICAÇÃO BANCO DO BRASIL S/A 11.610-6	0,02 D	(-) Depreciação de Imóveis 50.646,52 C
APLICAÇÃO BANCO DO BRASIL 7769-0	12,58 D	
APLICAÇÃO CAIXA E. FEDERAL 385-8	1.365,78 D	
APLICAÇÃO BANCO DO BRASIL 13.433-3	1.670,06 D	PASSIVO 1.256.607,73 C
APLICAÇÃO B.B. S/A 6049-6 – BB.AUT.EMPRES	3,84 D	PASSIVO CIRCULANTE 105,86 C
	3.912,34 D	OBRIGAÇÕES TRIBUTÁRIAS 105,86 C
OUTROS CRÉDITOS	13.332,25 D	Impostos e Contribuições A Recolher IRRF A RECOLHER 105,86 C
CRÉDITOS A FUNCIONÁRIOS	12.658,80 D	
ADIANTAMENTO A FUNCIONÁRIOS	6.097,10 D	
ADIANTAMENTO FÉRIAS	6.561,70 D	
TRIBUTOS A RECUPERAR/COMPENSAR	673,45 D	
IRRF A COMPENSAR	673,45 D	PATRIMÔNIO LÍQUIDO 1.256.501,87 C
		Capital Social 290.394,23 C
		Capital Subscrito 290.394,23 C
		Patrimônio 290.394,23 C
ATIVO NÃO-CIRCULANTE	564.377,89 D	
IMOBILIZADO	564.377,89 D	DEFICIT OU SUPERAVIT 966.107,64 C
IMÓVEIS	277.827,15 D	DEFICIT OU SUPERAVIT 966.107,64 C
QUADRA ESPORTIVA	75.048,36 D	DEFICIT OU SUPERAVIT ACUMULADO 971.396,90 C
EDIFÍCIO SEDE	202.778,79 D	SUPERAVIT DO EXERCÍCIO 103.038,91 C
		(-) DEFICIT DO EXERCÍCIO 108.328,17 D
MOVÉIS E UTENSÍLIOS	220.997,42 D	
MOVEIS E UTENSÍLIOS	220.997,42 D	
MÁQUINAS, EQUIPAMENTOS E FERRAMENTAS	139.018,30 D	
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	46.502,10 D	
EQUIPAMENTOS DE COMPUTAÇÃO	92.516,20 D	
TOTAL DO ATIVO	1.256.607,73	TOTAL DO PASSIVO: 1.256.607,73

Reconhecemos a exatidão do presente Balanço Patrimonial, cujos valores do Ativo e Passivo mais Patrimônio Líquido importam em R\$ 1.256.607,73 (Um Milhão e Duzentos e Cinquenta e Seis Mil e Seiscentos e Sete Reais e Setenta e Três Centavos).

Demonstração de Resultado do Exercício		Folha: 1
ASSOC PAIS E AMIGOS EXCEPC APAE de Monte Sião/MG Período 01/01/2020 a 31/12/2020		CNPJ:41.774.639/0001-01
RECEITA OPERACIONAL		OUTRAS RECEITAS OPERACIONAIS
DOAÇÕES DIVERSAS	35.814,42	Receita 0,36
ARRECADAÇÕES COM FESTAS E EVENTOS	9.719,96	Restituição de Impostos 8.718,65
CONVÊNIO MUNICIPAL - SUBVENÇÕES	52.000,00	
SUBVENÇÕES FNDE	3.880,00	TOTAL 8.719,01
CONTRIBUIÇÃO SÓCIOS	86.494,25	
CONVÊNIO MUNICIPAL ATENDIMENTOS	130.000,20	OUTRAS DESPESAS OPERACIONAIS
RECEITA COM ARRECADAÇÕES	625,00	Telefone (3.376,78)
CONVÊNIO MUNICIPAL - CENTRO-DIA	23.900,00	Despesas Postais e Telegráficas (410,55)
RECEITA LÍQUIDA	341.633,83	Seguros Diversos (147,08)
LUCRO BRUTO	341.633,83	Material de Escritório (114,98)
		Manutenção e Reparo (7.279,48)
DESPESAS ADMINISTRATIVAS		Internet (446,00)
Comissões (729,62)		Honorários Contábeis (6.790,83)
Salários e Ordenados (179.802,95)		Despesas C/ Associação (1.246,73)
13º Salário (19.179,57)		Despesas C/ Cartório (60,00)
Férias (17.000,14)		Despesas Diversas (18.413,71)
Fóts (22.570,30)		Despesas com Veículos (2.465,33)
Vale Transporte (1.800,00)		Material de Uso e Consumo (954,58)
PIS S/Folha (910,97)		Informática (1.091,76)
Alimentação (1.172,84)		Despesas Médicas (121,26)
1/3 S/Férias (5.666,72)		Materiais Diversos (34,75)
Aluguéis de Máquinas e Equipamentos (730,00)		Contribuição com Cartões (3.756,00)
Taxas Diversas (8.544,11)		Serviços de Terceiros (1.131,00)
		Combustíveis (3.382,95)
TOTAL (268.107,02)		Depreciações (28.690,38)
		TOTAL (79.894,16)
DESPESAS TRIBUTÁRIAS		RESULTADO OPERACIONAL LÍQUIDO (11.123,35)
PIS (0,87)		
IPVA (211,56)		DESPESAS NÃO OPERACIONAIS
TOTAL (212,43)		Serviços Prestados por Terceiros (14.668,88)
		Honorários Advocatícios (1.743,73)
DESPESAS FINANCEIRAS		TOTAL (16.412,61)
Despesas Bancárias (1.655,04)		
Juros e Multas de mora (59,73)		DEFICIT (6.289,26)
IOF – Imp. S/Oper.Financeiras (0,05)		
IR S/Aplicações Financeiras (62,20)		
TOTAL (1.777,02)		
RECEITAS FINANCEIRAS		
Rendimentos de Aplicações 188,40		
Descontos Financeiros Obtidos 672,74		
TOTAL 861,14		

MONTE SIÃO, 31 de Dezembro de 2020.

PRESIDENTE
CLAUDIO DONIZETI JORDÃO
CPF: 009.977.416-00

CONTADOR
GIULIANO GUARINI
TC CRC: ISP216719-IO-0

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil

AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

CASA DAS MASSAS

Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

ACM

ADRIANO - CHARLES - MAURICE

CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

● Teste do Pezinho ampliado

● Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)

HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194

Fone: 3465-1144

ELETRÔNICA MONTE SIÃO

Everson Labegalini

Peças e Acessórios para
Áudio e Vídeo

Rua: Carlos Pennacchi nº 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG

Cel.: (035) 8404-5136